

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2010

VOLUME I

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: EXPECTADOR VERSUS POSTURA EFETIVA

Leuza Batista de Almeida¹

Profa. Me. Marivete Bassetto de Quadros²

RESUMO

Ao se pensar sobre a dificuldade de ensino aprendizagem num ambiente escolar onde a agressividade e a violência se fazem presentes permanentemente e a precariedade nas relações sociais e carências de políticas públicas preventivas, abre canais para que a violência se instale dentro e fora da escola e é um fenômeno que interfere nas relações e causam impacto na formação educacional dos alunos. Partindo desses pressupostos indaga-se: Quais as causas da violência no ambiente escolar? Como adotar estratégias para minimizá-la? Que alternativas práticas podem-se ser efetivadas para aprimorar as relações humanas entre escola e comunidade escolar? A presente pesquisa se justifica devido a relevância do da temática em tela havendo necessidade de repensar nossas práticas e atitudes, frente à violência escolar propondo alternativas de ações para o enfrentamento à violência. Objetivou-se desenvolver referencial teórico científico à luz de teóricos que investigam a violência nas escolas, propor práticas possíveis com estratégias de ações entre escola e comunidade a fim de minimizar esses conflitos, estreitar relações entre escola, família e comunidade no intuito de melhorar esse relacionamento, identificar junto aos envolvidos nesse processo através de questionários, palestras, reuniões, debates, diálogo as formas, causas e consequências que levam o aluno a ter atitudes violentas. Em relação à abordagem do problema trabalhou-se com o método qualitativo em relação ao procedimento técnico recorreu-se à pesquisa bibliográfica na qual se obteve embasamento teórico relacionados a conceitos como: violência, formas, causas e consequências, funções e desafios da escola frente ao problema, *bullying*, *cyberbullying*, entre outros. O projeto foi desenvolvido com os alunos das 8ª séries do Ensino Fundamental onde, a partir do levantamento de dados, foram organizadas reuniões com todos envolvidos para esclarecer e aplicar a legislação vigente nas situações de conflito e juntos, encontrar possíveis ações a serem empregadas pelo coletivo escolar e segmentos da comunidade respaldados nas leis, trazendo assim, maior segurança. Conclui-se que uma das alternativas para diminuir o problema o caminho apontado é o diálogo entre a família e escola e profissionais da área. Verificou-se também que os resultados apresentados foram significativos, necessário se faz encontrar novos caminhos, propor alternativas de ações a serem enfrentados procurando pelo menos amenizar essa situação; buscando fundamentação teórica que oriente as equipes pedagógicas, direção, professores, pais, alunos e funcionários do colégio no enfrentamento à violência, e trazer um pouco mais de conforto a todos envolvidos nesse processo.

Palavras-chave: Educação. Violência. Ambiente escolar. Ensino Aprendizagem.

¹ Professora e Pedagoga – PDE 2010 - NRE Jacarezinho. E-mail - leuza@seed.pr.gov.br

² Orientadora – Universidade Estadual do Norte do Paraná – Centro de Ciências Humanas e da Educação – Campus Jacarezinho.

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema deve-se ao fato da violência ter-se tornado um dos maiores problemas enfrentados pela escola nos últimos anos e pela relevância do mesmo na sociedade, nos meios de comunicação, entre outros. Visa fazer um estudo reflexivo colocando em evidência os diferentes tipos de violência, suas formas, causas e conseqüências. Ele foi elaborado pensando também na angústia que assola e adoecem muitos professores, diretor, equipe pedagógica e pais porque muitas vezes, já não sabem o que fazer com o problema.

Todavia, não se pretende esgotar este assunto, mas indicar alguns caminhos, propor alternativas de ações com o objetivo de analisar e amenizar um dos problemas que aflige a todos interfere e prejudica diretamente o ensino aprendizagem. Esta discussão não é nova e não tem nenhuma receita pronta capaz de operar transformações salvadoras, mas espera garantir algumas mudanças nas práticas pedagógicas, tendo um olhar crítico e diferenciado para o problema.

Este estudo propõe refletir e discutir sobre esse tipo de violência, suas formas, causas e conseqüências, pois, a mesma vem ocorrendo de forma assustadora no meio educacional e precisa ser enfrentada. É um problema sério e que cada vez mais está tomando conta das escolas, portanto, é preciso enfrentá-la a partir da ação-reflexão e a escola como espelho que reflete a sociedade e não sendo um objeto passivo, tem a capacidade de conhecer e entender porque ela está perdendo seu papel e percorrer o caminho inverso construindo uma cultura de paz.

Neste sentido, pode-se afirmar que o espaço de estudos que o Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE oportunizou, muito contribuiu acerca de vários problemas relacionados ao ensino aprendizagem e também para melhorar a compreensão quanto ao fenômeno em questão; a violência na escola e as diferentes maneiras de abordá-la. Também proporcionou aos professores da rede pública de ensino excelente acesso entre teoria e prática e novas oportunidades de estudos junto às Instituições de Ensino Superior.

A violência na escola é entendida como um processo desafiador e requer tratamento adequado, cuidadoso e fundamentado teoricamente, por meio de conhecimentos científicos através de uma pesquisa qualitativa embasada na pesquisa bibliográfica e uma gestão democrática e efetiva para garantir a prática educativa e a integração da prática pedagógica, visto que a escola é um espaço construído para concretização da prática social da educação. Essa violência é visível, incomoda, chama a atenção da comunidade porque a escola sozinha não dá conta desse problema, pois ela ultrapassa os muros da escola. Violência essa,

caracterizada por agressões físicas, verbais, ameaças, furtos e depredação do patrimônio público entre outros e isso causa desmotivação, reprovação, evasão escolar por parte dos alunos, e gera certa ansiedade, estresse, insegurança e impotência dos professores frente ao problema.

Por isso, estimula fazer um estudo mais aprofundado sobre o caso, encontrar novos caminhos a serem enfrentados no dia-a-dia da escola visando buscar alternativas que oriente as equipes pedagógicas, direção, professores, pais, alunos e funcionários no enfrentamento à violência escolar através de reuniões, palestras, questionários, debates das seguintes temáticas: violência na escola, família e escola, relação professor aluno, evasão escolar com intuito de buscar algumas respostas e compreender essa nova realidade que está sendo posta, analisar cada caso de violência e informar aos nossos educadores que é possível o enfrentamento à violência escolar, mas, somente com o envolvimento e contribuição de toda comunidade escolar.

Para o desenvolvimento desta pesquisa tivemos como universo da pesquisa e sujeitos, alunos da 8ª séries A, período diurno, tendo como locus o Colégio Estadual Dr. Ubaldino do Amaral, localizado na cidade de Santo Antônio da Platina, Estado do Paraná observando que ocorre um número significativo de conflitos. Objetivou-se desenvolver um referencial teórico consistente com a finalidade de embasamento teórico-científico, a fim de implementar estratégias de ações que minimizem a violência na escola; estreitar relações entre escola e comunidade com intuito de prevenção quanto à mesma e identificar junto aos professores, pais, alunos e funcionários através de reuniões, encontros, palestras entre outros as formas, causas e consequências da violência no ambiente escolar.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 BREVE RETROSPECTIVA HISTÓRICA SOBRE VIOLÊNCIA

A violência sempre fez parte da realidade da humanidade ao longo de todo processo histórico desde os povos primitivos até os dias atuais; nesse contexto crianças e adolescentes ao longo dos anos foram envolvidos em relação de agressões e maus tratos por diversas instituições sociais, caracterizando como um dos grandes males do mundo e se manifesta em todas as suas circunstâncias de diferentes formas e vem ocorrendo de forma assustadora nas escolas.

As medidas legais de proteção e as instituições de acolhimento tanto às crianças quanto aos adolescentes, representam espaços que dizem respeito a todos. Embora, os marcos legais, os poderes públicos e a sociedade atuam no sentido de protegê-la pela mobilização de uma rede de proteção integral e da efetivação de políticas públicas, mas pode-se dizer que muitos desses limites, ainda precisam ser superados.

Para apresentar um panorama geral desses movimentos, resgatam-se os principais marcos da legislação e da institucionalização que hoje protege as crianças e adolescentes. Essa proteção está expressa no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA - de 1990, em seu artigo 5º: “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (BRASIL, ECA, 1990, p, 1).

Essa visão é relativa conforme suas maneiras de viver e conforme classes e grupos sociais. Faleiros; Faleiros (2008), observam que na Grécia Antiga, enquanto a criança filha de cidadão era educada no gineceu por meio de mitos e músicas, os filhos dos escravos, por sua vez, eram retirados de sua família, sendo vendidos também como escravos. Somente a elite tinha acesso à educação com os grandes mestres e o serviço militar iniciava aos dezoito anos. A educação das meninas se limitava aos exercícios físicos e domésticos e o casamento ocorria por volta dos 14 e 15 anos.

Em Esparta, o Estado tinha como prioridade a formação de seus futuros guerreiros:

A educação espartana visava exclusivamente os interesses do estado. Por isso, limitava o espírito crítico através do laconismo e da xenofobia. a) A educação dos jovens espartíatas era realizada pelo Estado, que procurava selecionar os melhores: os mais fortes e os mais hábeis. b) Até os 7 anos, as crianças ficavam com as mães; dos 7 aos 12 anos, meninos e meninas recebiam educação cívica; dos 12 aos 17 anos, os rapazes recebiam treinamento militar; submetendo-se no fim à prova da Kriptia, que lhes permitia tornarem-se cidadãos (ARRUDA, 1993, p.141).

Na Idade Média (476-1453), o Estado e principalmente a Igreja tomam para si à responsabilidade pela educação:

As crianças eram educadas por todos do mosteiro até a idade de quinze anos. A *Regra de São Bento* prescreve diligência na disciplina: que as crianças não apanhem sem motivo, pois não façam a outrem o que não queres que te façam.[...] O sistema medieval e monástico previa a aplicação de castigos. Na Bíblia há passagens sobre os castigos com vara que devem ser aplicados aos filhos, na *Regra de São Bento* há várias passagens (punição com jejuns e varas, pancadas em crianças que não recitarem corretamente um salmo, e esse ponto foi muito destacado e criticado pela pedagogia moderna, que, no entanto, não levou em consideração as circunstâncias históricas da época). Por exemplo, Manacorda interpreta os castigos do período

antigo e medieval como puro *sadismo pedagógico*, linha de interpretação que permaneceu ao lado da imagem do monge medieval como uma pessoa frustrada e desiludida amorosamente e que, por esse motivo, buscava a solidão do mosteiro (COSTA, [2003?], p.5).

Na sociedade moderna, a violência se constituiu um problema para os indivíduos e para a sociedade e a preocupação é entender esse fenômeno e prevenir, tendo sido tema de debates e reflexões nos diferentes contextos históricos. Várias outras transformações ocorreram a partir da Revolução Industrial. A violência passa a ser constante no mundo urbano.

Entretanto, com o advento dos meios de comunicação como televisão, internet, revistas, jornais, cinema dentre outros, a violência ganha notoriedade não somente em nível local, mas também mundial, a ponto que a “Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO – já alertava em 1997, a disseminação da violência pelo mundo, e ganhando espaço na educação” (NAGEL, 2009, p.127), e no Brasil não seria diferente. Portanto, tem-se a sensação de que a violência tomou conta da sociedade sendo incorporada no cotidiano das pessoas.

Referindo-se a sociedade brasileira, desde o seu descobrimento em 1500 até 1822, o Brasil foi uma colônia de Portugal “dependendo economicamente, política e administrativamente do poder de Lisboa” (FALEIROS; FALEIROS, 2008, p.19); assim, transplantaram-se também as leis e os costumes para a Colônia e nisso estavam incluídos a educação das crianças seja em nível familiar, religioso e educacional, esta sob a autoridade/responsabilidade da Igreja Católica.

Somente no século XX a “doutrina da proteção integral” (FALEIROS; FALEIROS, 2008, p. 25), deu uma resposta ao problema e concedeu um lugar mais seguro para crianças e adolescentes nas relações de cidadãos. Assim, o resgate histórico evidencia que maus tratos e violência marcaram a trajetória das crianças pobres no Brasil.

No Brasil, a preocupação com a violência está adquirindo força e espaço na consciência social dos brasileiros, mesmo que de forma ainda muito lenta. Os professores frente ao problema sentem-se a necessidade de junto à direção, equipe pedagógica discutir e entender que são inúmeros os fatores que geram a violência, mas nenhum deles pode ser entendido como único e responsável por essa situação vivida, ele vai muito além de uma só categoria ou instituição e isto faz parte de toda sociedade.

2.2 CONCEITUANDO VIOLÊNCIA

Nunca, em todos os tempos, a violência esteve tão presente no dia-a-dia. Ela tem crescido de forma assustadora nos últimos anos e em todo mundo ela tem sido alarmante. Assim sendo, precisa ser considerado o fenômeno da violência a partir de uma perspectiva histórica, social e política. É um dos eternos problemas da teoria social e da prática política da humanidade. A mesma se constituiu no espaço e no tempo escolar e torna-se preocupante pelo fato da escola ser um espaço institucionalizado onde se dá o desenvolvimento intelectual, científico e filosófico do educando e a mesma está presente na depredação do patrimônio público, falta de respeito, vandalismo, indisciplina, agressões alunos/ alunos, alunos/professores entre outros.

Para isso, requer um tratamento adequado, cuidadoso e pode ser caracterizada pela ação impaciente, baseada na ira e seu objetivo é agredir o outro e muitas vezes, ela está relacionada com a impunidade. Quando se busca conceituar o fenômeno “violência”, torna-se necessário primeiramente conhecer a origem da expressão.

Violência do latim *violentia*, do radical *vis* = força (ÁVILA, 1972, p. 676); ou ainda, como observa Michaud (*apud* SCHILLING, 2004, p. 38) com a significação de caráter violento ou bravo. A violência introduz o desregramento e o caos no mundo estável e regular. Nessa afirmação ainda se fala da violência num sentido bem geral.

Ferreira, (1995, p.674), por sua vez, conceitua o termo como “1.Qualidade de violento. 2. Ato violento. 3. Ato de violentar. 4. Jur. Constrangimento físico ou moral. 4. Uso da força; coação. Assim sendo, pode-se falar em violência quando

[...] numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou em várias pessoas, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (MICHAUD *apud* SCHILLING, 2004, p.38)

Para Chauí (*apud* SCHILLING, 2004, p. 38), violência está relacionada a comportamento não ético à medida que:

[...] violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sócias definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e pelo terror. A violência se opõe á ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade, como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos.

Comportamentos relacionados à violência estariam, segundo Sandes (2009, p.1), “diretamente influenciados pelo ciclo de relações de um indivíduo com o ambiente ao seu redor e, por suas relações sociais, tais como: família, amigos, colegas de escola ou trabalho e a própria sociedade em geral, independente de classe social, raça ou religião”.

Para esse autor,

Essa visão cíclica amplia as formas como a violência pode ser expressa, não somente a delinquência, mas também, a violência verbal, a violência psicológica, a violência estrutural (analfabetismo, drogas, etc.), entre outras. A interação do indivíduo com seu ambiente e a garantia dos direitos humanos são fatores essenciais para a promoção de comportamentos sociais produtores de paz e harmonia entre indivíduos (SANDES, 2009, p.12).

Portanto, a violência sempre se constituiu e constitui em um problema para a sociedade, razão pela qual sempre houvera uma preocupação em entender a sua gênese em todas as áreas das ciências.

Muitas vezes na escola, conceitos de violência e indisciplina são vistos como palavras que têm o mesmo significado e isto faz com que os fatos tornem-se exagerados e o desânimo no sentido de encontrar algumas soluções reforça o que existe sobre o assunto e não adianta delimitar o problema (violência), dizer que é responsabilidade da família, da escola, Conselho Tutelar ou governo. Sabe-se que a indisciplina é reclamação diária entre os professores e os pais. É um assunto muito sério em se tratando das dificuldades de educar, tanto para a família quanto para a escola.

Assim sendo, a escola sozinha não vai conseguir resolver tal situação, todos são responsáveis por ela, é necessário trabalhar em conjunto, fazendo intervenções onde for necessário e por fim, os termos indisciplina e violência não podem ser vistos com o mesmo significado, embora se espere que o limite seja frágil e não se utilize só a palavra violência como referencial para tudo.

2.3 VIOLÊNCIA NA ESCOLA: FORMAS, CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

Aborda a temática violência na escola não é fácil, pois, seu foco muda de acordo com sua abordagem e, infelizmente, a escola torna-se muitas vezes vítima do processo, sendo cobrada por ações (temas sociais contemporâneos) que até então não fazia parte de sua função como instituição que produz conhecimentos e que possibilita aos alunos, o acesso aos bens culturais e científicos produzidos e acumulados pela humanidade.

A violência é um dos maiores problemas enfrentados nas escolas, ela está presente no cotidiano e não se trata apenas de uma violência simbólica, mas uma violência real que vem sendo desenvolvida por uma cultura de violências, tem múltiplas e intrigadas causas que estão relacionadas à erosão de valores sociais, numa crise de superexposição e exploração e apresenta-se como um dos maiores desafios pedagógico.

Trata-se de uma questão de grande relevância para todos os profissionais da educação. Muitas vezes a violência na escola gera sentimento de insegurança, angústia, impotência tanto para alunos, professores, direção, equipe pedagógica deixando-os acuados frente à situação. No entanto, é necessário considerar o fenômeno da violência na escola a partir de uma perspectiva histórica, social e política. Por exemplo:

[...] a escola enquanto espaço de violência, é percorrida por um movimento ambíguo: de um lado, pelas ações que visam o cumprimento das leis e das normas determinadas pelos órgãos centrais, e, de outro, pela dinâmica dos seus grupos internos que estabelecem interações, rupturas e permitem a troca de idéias, palavras e sentimentos numa fusão provisória e conflitual (GUIMARÃES, 1996, p. 77).

Guimarães afirma que a escola

[...] não pode ser vista apenas como reprodutora das experiências de opressão, de violência, de conflitos, advindas do plano macroestrutural. É importante argumentar que apesar dos mecanismos de reprodução social e cultural, as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina (1996, p. 77).

Assim, pensar a violência na escola requer compreender o seu papel na sociedade contemporânea, ao mesmo tempo em que considerar a violência como um processo social, compromete o desenvolvimento do trabalho pedagógico e a prática docente e discente.

A escola contemporânea, enquanto instituição socialmente reconhecida emerge como um microsistema, ela não apenas reflete as transformações atuais como também tem que lidar com as diferentes demandas do mundo globalizado, enquanto a violência no seu interior pode ser compreendida como um processo historicamente construído no espaço e no tempo escolar. Portanto, torna-se preocupante pelo fato de ser espaço de desenvolvimento do indivíduo pela educação. Sendo esta, um processo de socialização, de desenvolvimento intelectual, científico e filosófico do cidadão.

No Brasil, Paula (2008), observa que a violência vem sendo discutida em Instituições de Ensino Superior, nos Conselhos de Direito da Criança e do Adolescente, Conselhos Tutelares, Ministério Público, Juizado da Infância e Juventude dentre outros, ganhando espaço nos meios de comunicação e objetos de pesquisas mais recentes.

Os atos violentos acontecem, o número aumentou nas duas últimas décadas, como aumentou o número de escolas e maior se tornou a população, é sabido que um acontecimento que se manifesta numa dimensão profunda do que as ocorrências cotidianas ao se tornarem notícias, assumem a bandeira simbólica da violência, e por uma questão de generalização, todas as escolas passam a serem vistas na perspectiva da “escola violenta”.

Em síntese, a escola é uma instituição onde se prioriza as atividades educativas formais, sendo identificada como um espaço de desenvolvimento e aprendizagem e nesse contexto, o currículo deve envolver todas as experiências realizadas no seu interior. Isto significa considerar os padrões relacionados, aspectos culturais, cognitivos, afetivos, sociais e históricos que estão presentes entre os diferentes segmentos.

É preciso também que direção, professores, pais e alunos promovam reuniões, estudem e discutam esse assunto, pois, sempre se pensou que a violência era algo que acontecia somente fora dos muros da escola e é importante saber que cabe a nós professores, criar uma consciência de paz, de não violência aos alunos para ter um mundo mais humano e também entender que ela sempre esteve presente na educação com diferenças em cada momento histórico com abordagens diferenciadas.

Dessa forma, a violência atual na escola deve ser entendida como um processo complexo, desafiador, que requer tratamento adequado, cuidadoso e fundamentado teoricamente por meio de conhecimentos científicos desprovidos de preconceitos e discriminação, requer tomada de posição, responsabilidade e comprometimento, por ser um comportamento que, diferentemente do passado, suas causas têm origens fora das instituições escolares, constituindo-se em problemas de ordem social, política e econômica.

Em se tratando da educação brasileira, há de se ressaltar que a escola é um espaço construído para concretização da prática social da educação enfatizada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); em nível Estadual, as Diretrizes Curriculares, a Proposta Pedagógica Curricular, e em nível interno das escolas, o Projeto Político Pedagógico entre outros, respaldados pelo Ministério Público e Conselho Tutelar.

Num mundo confuso, instigador, onde a violência se instala, muitas são as formas, causas e consequências da violência no âmbito escolar e autores como Faleiros; Faleiros (2008), Pereira (2009) dentre outros, destacam algumas formas, causas e consequência da violência na escola que são fundamentais:

- **Violência física** – que leva aos danos psicológicos e fisiológicos; causam vários tipos de ferimentos que podem levar à morte;

- **Violência social** – é aquela que é praticada inconscientemente pelo indivíduo;
- **Violência simbólica** – forma de coação que se apóia em uma imposição determinada seja econômica ou social;
- **Violência psicológica** – são as agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar e humilhar a vítima, restringir a liberdade ou isolar a pessoa de seu convívio social;
- **Violência institucional** – ela é reproduzida nas instituições através de seus agentes; e
- **Violência cultural** – substituição de uma cultura a outros valores forçado, entre outras.

Notam-se também vários agravantes ou motivos que causam o aumento da violência como: miséria, fome, desemprego, violação dos direitos humanos, desagregação familiar, uso de drogas, carência afetiva, exclusão social, pais ausentes e omissos, prostituição, falta de religiosidade entre outros.

A violência produzida historicamente como um fenômeno, tem-se manifestado com maior ou menor intensidade e significado, e traz em si consequências tanto para a vítima quanto para o agressor.

A educação de um modo geral encontra-se com sérios problemas e ao invés de procurar culpados para o mesmo, é imprescindível buscar ações em conjunto no próprio meio para melhorá-la de forma ampla e objetiva.

2.4 FUNÇÕES E DESAFIOS DA ESCOLA FRENTE À VIOLÊNCIA ESCOLAR: POSSÍVEIS CAMINHOS PARA NÃO VIOLÊNCIA

A escola é um local que reúne diversidades de conhecimentos, regras, valores entre outros e manifesta-se como uma instituição fundamental para o indivíduo e tem seus objetivos e metas determinadas. É uma instituição social que dá prioridade às atividades formais, educacionais, é um espaço de desenvolvimento de aprendizagem, emerge como um lugar que tem que lidar com diferentes demandas do mundo pós-moderno.

A função social da escola é a de promover o acesso aos conhecimentos socialmente produzidos pela humanidade e possibilitar condições de emancipação humana. Ela não deve só instruir, educar, passar princípios de valores éticos e morais, desenvolverem bons hábitos, atribuir instruções simples, mas, ser a responsável para repassar a formação integral aos

alunos para que sejam repetidos pela vida dos futuros cidadãos dentro e fora da escola, tornando-se ali um ambiente de paz, respeito, ajuda mútua e ser solidários com os colegas.

Cabe a ela também, transformar as relações sociais e não reproduzir a sociedade tal qual ela é. Para que a escola vença seus desafios, precisa estar atualizada, discutir sobre a importância de transformar-se, e não só instruir, mas garantir direitos aos seus alunos, pois, ela é sem dúvida, um lugar privilegiado para discutir também o enfrentamento à violência escolar. Deve-se resgatar sua função social para que os alunos sintam-se motivados e aprendam o que está sendo ensinado.

Para que isso ocorra é preciso que a escola tenha professores preparados, capacitados, que tenham boa relação com seus alunos, sejam comprometidos com a educação para só assim poder entender a violência e colaborar com os alunos amenizando esse sofrimento que pode ser arrastado por vários meses ou por muitos anos.

Então, repensar o papel da escola é imprescindível. Ela deve ultrapassar o seu papel de mera instrução formal para concretizar a proteção integral com a intervenção dos educadores com uma visão atualizada.

Considerando que a escola passa por um momento peculiar, em meio a uma sociedade que passa por uma crise de valores éticos e morais, faz-se necessário a união de todos envolvidos como comunidade escolar e família - no processo educacional dentro desse espaço e com a responsabilidade de formar integralmente os alunos, pois somente dessa maneira é que essa instituição estará pronta para cumprir sua função, tornando-se um ambiente propício para a construção da cidadania e um convívio cheio de harmonia, evitando assim, as manifestações violentas. Há de se adequar suas experiências às necessidades dos alunos, há de se repensar o processo de ensino-aprendizagem que vá ao encontro de suas necessidades atuais e estabelecer relações com o passado, sabendo que estamos preparando cidadãos para o futuro.

Uma das saídas para o enfrentamento à violência na escola, talvez esteja na relação professor/aluno. No seu dia-a-dia o professor precisa estar muito bem preparado, gostar do que faz respeitar os alunos, ter uma fundamentação teórica articulada com a sociedade contemporânea e suas consequências sociais e históricas. Estudar muito sobre o assunto e refletir sobre o tema na escola e na sociedade, pois, a mesma passou a fazer parte do nosso cotidiano. A prática pedagógica escolar do professor, direção, equipe pedagógica é de fundamental importância, têm que estar firme em seus conhecimentos, saber sobre o que está falando, conhecer bem o Projeto Político Pedagógico, pois, pelo contrário poderá levar o

aluno a conclusões equivocadas. A escola muitas vezes manifesta-se sob o amparo do poder na sua prática pedagógica, cultivando o medo e gerando a cultura da violência.

Como medida de prevenção, à violência deverá contar cada vez mais com a presença da comunidade na escola, abrir espaço para projetos de não violência enquanto prática pedagógica para repensar alternativas capazes de melhorar o convívio social entre todos, gestão participativa efetiva, Projeto Político Pedagógico coerente, bem elaborado e compartilhado; trabalhar questões de cidadania, valores, justiça social; diagnosticar e pesquisar sobre o fenômeno para conhecê-lo melhor e a partir daí fazer um acompanhamento diário do mesmo; cumprir e fazer cumprir alguns acordos ou contratos combinados com alunos em salas de aula e ter regras de convivências bem definidas; formação continuada para professores com trocas de experiências enfocando o assunto com reflexões sobre o mesmo para que o professor aprimore seus conhecimentos para poder lidar com situações de conflitos no ambiente escolar com mais eficácia. Só assim, a instituição “escola” abre canais de confiança e mostrará que sua parte está sendo feita para que isso ocorra.

Entender também que a violência é decorrente do aumento da violência da própria sociedade, ela não é isolada, é um fenômeno cultural. Portanto, somente com comprometimento dos profissionais presentes na escola e a participação da comunidade será possível atingir as metas e objetivos propostos.

2.5 BULLYING E SUAS CARACTERÍSTICAS

O *bullying* é ainda um termo pouco conhecido do grande público, é de origem inglesa, caracteriza-se por atitudes agressivas, intencionais, repetitivas, praticadas sem motivos, de forma velada e que vem se destacando quando se trata de violência na escola. Existem vários tipos de *bullying*, o mesmo existe em todas as escolas, mas poucas sabem de sua existência. Seus personagens diferenciam pelos seus tipos de relacionamentos.

O bullying é uma questão que crianças e adolescentes estão expostos na sociedade atual e que remete diretamente a seus relacionamentos com seus pares. [...] O bullying é um tipo de violência mais sutil. É conceituado como um conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos (QUADROS, 2009a, p.60 e 61).

O *bullying* é um problema difícil de detectar devido à confusão de brincadeiras de mau gosto da própria idade das crianças, traz graves implicações psicológicas e cognitivas e a escola não está preparada para lidar com esse comportamento. Ele é praticado por meninos e

meninas e até por adultos. É utilizado para qualificar comportamentos agressivos no ambiente escolar. Significa também dizer de forma natural que os mais fortes utilizam os mais frágeis como mero objeto de diversão para humilhar, colocar medo, fazer uso de maltrato. Supõe-se que haja desconhecimento do *bullying* por parte dos profissionais facilitando assim, o aumento do mesmo.

Existem muitas formas de *bullying*, mas, cita-se algumas formas de *bullying*, de acordo com o Conselho Nacional de Justiça (BRASIL, MEC, 2010, p.7), são elas:

- **Verbal:** insulto, ofensa, falar mal do outro e zoar;
- **Física:** bater, roubar, beliscar, empurrar e destruir alguns pertences;
- **Psicológico:** humilhar, intimidar, discriminar;
- **Sexual:** abusar, assediar, insinuar, chutar, apelidar e excluir;
- **Virtual ou cyberbullying:** através dos meios tecnológicos como: internet, celular, *e-mail*, entre outros.

Estudos revelam que há um pequeno predomínio dos meninos sobre as meninas por serem mais agressivos, as atitudes tornam-se mais visíveis. Sua origem pode ser creditada às instituições educacionais americanas e inglesas, não tem uma palavra em português que tem a mesma natureza para sua tradução, mas o mesmo foi adotado em várias línguas, ou seja:

A nível (sic) internacional, a conduta agressiva manifestada entre alunos adoptou a designação de *bullyng*, constituindo um comportamento agressivo, intencional e prejudicial, que, pode durar semanas ou anos. Define-se como a violência desenrolada em meio-escolar, quer física, quer mental, de um indivíduo ou grupo direcionado para alguém que não consegue defender (SOUZA, [2005?], p.6).

Ramirez observa que,

[...] o que parece motivar os agressores é o desejo de intimidação e domínio, aliado ao abuso de poder. De um modo geral adopta uma atitude tirânica, perseguindo e oprimindo uma colega, de modo repetitivo, tornando-o a sua vítima habitual. Este fenómeno pode ser assumido de diversas formas, nomeadamente verbal (insultos, alcunhas, ameaças...), física (roubar, danificar objectos, ataque físico,...) e indirecta (exclusão social e divulgar rumores pejorativos (*apud* SOUZA, [2005?], p 6).

Historicamente, de acordo com Pereira (2009), o primeiro caso de *bullyng* a chamar atenção ocorreu na Noruega, em 1982, quando três crianças se suicidaram em decorrência de maus-tratos a que eram submetidas pelos seus companheiros de escola, desde então, violência na escola passou a ser vista sob outros olhares, constatando-se ser mais comum do que se pensava.

No Brasil, as pesquisas nessa área ainda são recentes, pois, segundo Pereira (2009, p. 34), “num período de 15 anos (1980-1995), apenas quatro estudos examinaram a violência que atinge a unidade escolar”, novamente, vale lembrar que, se, somente agora ganhou notoriedade foi graças à visibilidade dos meios de comunicação e porque não dos próprios agressores que, muitas vezes fazem questão de terem seus atos registrados.

Para ser caracterizado como um comportamento do “*bullying*” são necessárias certas características. De acordo com Mariano *et al.* (2010, p. 89), os critérios usados para identificar o comportamento *bullying* são: ações repetitivas contra a mesma vítima num período prolongado de tempo; desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ausência de motivos que justifiquem os ataques. Devem-se considerar também os sentimentos negativos mobilizados e as sequelas severas deixadas pelo mesmo como: emocionais, psicológicas, neurológicas entre outras, vivenciadas pelas vítimas.

Pereira (2009, p. 43), descreve os tipos de *bullying*

Os agressores são aqueles que vitimizam os mais fracos. Podem ser de ambos os sexos. [...] é tipicamente popular; tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos antissociais; pode mostrar-se agressivo inclusive com os adultos; é impulsivo; vê sua agressividade como qualidade; tem opiniões positivas sobre si mesmo; é geralmente mais forte que seu alvo; sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros. Além disso, pode existir um ‘componente benefício’ em sua conduta, como ganhos sociais e materiais. São menos satisfeitos com a escola e a família, mais propensos ao absenteísmo e à evasão escolar e têm uma tendência maior para apresentarem comportamentos de risco (consumir tabaco, álcool ou outras drogas, portar armas, brigar etc.) As possibilidades são maiores em crianças ou adolescentes que adotam atitudes antissociais antes da puberdade e por longo tempo.

Por outro lado, segundo Pereira (2009, p.46), “é pouco comum que a vítima revele espontaneamente o *bullying* sofrido, seja por vergonha, por temer retaliações ou por descreer nas atitudes favoráveis da escola ou por recear possíveis críticas”.

Novamente a inferência do autor se faz pertinente quando o mesmo infere: “A presença da violência nas escolas, a exemplo do *bullying* quebra com o paradigma da escola como ambiente seguro e lugar de transmissão de conhecimento. Este deveria ser um ambiente saudável onde as crianças e jovens deveriam aprender a cidadania, mas não é o que estamos vivenciando” (PEREIRA, 2009, p.54).

Dessa forma, o mais importante é que a escola entre em ação o mais precocemente possível buscando estratégias para detectar a vulnerabilidade dos sujeitos agressores e possíveis vítimas, pois menores serão as chances de virem a ter problemas futuros. Logo, trabalhar junto aos professores para traçar o perfil dos seus alunos, seus respectivos

comportamentos, informações extra-escolares junto à família e comunidade que pertence, deve-se constituir numa ação rotineira da equipe pedagógica.

No cotidiano escolar pode-se afirmar que muitos professores desconhecem esse fenômeno, sabem sobre violência, mas, apenas a reconhece quando eles são tomados como próprios alvos. O *bullying* no Brasil, ainda é um problema sem solução. O mesmo tem um conceito muito bem definido que não deixa confundir com outros tipos de violência, pois, têm suas características próprias, entre elas a mais grave talvez seja por deixar traumas ao psiquismo de suas vítimas. Esse tipo de violência comportamental atinge algo muito precioso e inviolável do ser humano, a sua alma. É preciso olhar urgente para o fenômeno *bullying* não como um comportamento inofensivo entre os alunos, mas como um fenômeno silencioso que deixa marcas irreversíveis aos indivíduos mais jovens.

E por fim, todas as vítimas sem exceção, sofrem com os ataques do *bullying*, em maior ou menor proporção. Muitos levarão marcas para a vida inteira e muitas vezes precisarão de tratamento psicológico ou psiquiátrico e muito apoio da família para superar o problema que é muito sério e agravante.

2.6 CYBERBULLYING

O termo “*cyber*”, citado por Rebouças (2010) e Pinto (2010), refere-se popularmente ao uso virtual por meios digital como a internet. O *Cyberbullying* é praticar *bullying* na internet, celular e outros dispositivos tecnológicos. Para os autores, é uma forma mais agressiva de *bullying* e que, cada vez mais ganha espaço sem fronteiras, é o *Cyberbullying* virtual. Seus ataques ocorrem por ferramentas virtuais como: MSN, internet, celular, *orkut*, sites, vídeos, e-mail entre outros recursos tecnológicos.

Além de sua propagação ser rápida, seu efeito multiplicador é devastador para a vítima. O *Cyberbullying* estapola e muito, os muros da escola e expõe a vítima ao público. Os praticantes desse mal se valem do anonimato, eles ridicularizam alunos, professores, amigos, desconhecidos perante a sociedade virtual.

As agressões do *cyberbullying* não têm uma característica específica para a pessoa que o pratica como o *bullying* tem. Atualmente no mundo das tecnologias tal como em tudo tem seu lado bom e o ruim e os serviços que nós temos à disposição podem nos ajudar ou, muitas vezes prejudicar; é o caso do *cyberbullying*, a proliferação de mensagens, imagens ou vídeos contendo comentários depreciativos espalha-se rapidamente.

O *facebook e orkut*, redes sociais muito utilizadas por jovens, estas tem sido usadas indiscriminadamente para se praticar a violência. Essa nova forma de agressão é chamada de *cyberbullying*, é um novo desafio para a sociedade contemporânea, sua agressividade vai muito além do *bullying*. Essa prática é mais utilizada entre adolescentes entre 12 a 16 anos de idade, no Ensino Médio e a escola não pode fechar os olhos para o problema, ela tem que dialogar e orientar as famílias, professores, funcionários enfim, com toda comunidade e se for o caso, até denunciar o que vem ocorrendo aos órgãos competentes.

É também uma prática de hostilização, uma forma covarde de humilhar, ridicularizar, ameaçar e intimidar uma pessoa ou o próximo por meio das tecnologias de informação que envolve o fortalecimento de comportamentos nocivos, maldosos e repetitivos. As conseqüências são as mais variadas possíveis e varia de indivíduo para indivíduo.

Essa prática reúne ações de discriminações não identificadas, mas a legislação sobre crimes da internet possibilita quebra de sigilo e o praticante pode ser identificado. Se a pessoa que pratica o *Cyberbullying* for menor de idade, poderá responder conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente e pode sofrer desde uma advertência ou até uma internação no Centro de Recuperação. A escola só se responsabilizará, se a prática partir do ambiente escolar.

Causa indignação saber que há vários relatos no Brasil e no exterior que adolescentes, após sofrerem deste tipo de violência, entraram em estado depressivo e se suicidaram. Esse problema vem sendo discutido em todo mundo, não só pelas autoridades, mas também por professores, jovens, suas famílias e é de suma importância que pais, professores e amigos estejam atentos a todo e a qualquer tipo de sinais desta agressão, como exemplo o isolamento, baixo rendimento escolar, dificuldades de socialização, não querem ir à escola, não querem brincar e muito mais.

Os pais podem ser orientados através da escola, de acordo com Pinto (2010), a tomarem algumas medidas de proteção para combater este tipo de violência, dentre elas: colocar o computador em lugar visível a todos, não compartilhar dados pessoais a desconhecidos, mudar sempre de *e-mail* e guardar todas as mensagens. Essas são algumas de muitas medidas de proteção à vítima.

Cabe aos pais, estabelecer limites aos seus filhos, ensinar-lhes a usar a internet de forma saudável, cuidar dos mesmos quando estão à frente do computador porque muitas vezes, eles mesmos praticam esse tipo de violência ou podem ser as próprias vítimas do processo. Os pais têm que insistir na boa educação de seus filhos para não deixar perder o controle de suas vidas, porque é este o propósito do *Cyberbullying*. Portanto, faz-se necessário

a integração entre escola e família no sentido de trocar informações, trabalhar em conjunto com o objetivo de melhorar esse mal que tanto nos aflige.

3 METODOLOGIA

A implementação do Projeto na escola teve início a partir da Semana Pedagógica com apresentação do mesmo à direção, equipe pedagógica, professores e funcionários para inteiração do tema que seria desenvolvido no semestre. Neste momento, houve a participação dos presentes com sugestões sobre o assunto demonstrando interesse pelo projeto.

Num segundo momento, foi feita a apresentação do projeto aos alunos da oitava série A, no espaço da sala de aula, onde conversamos sobre a relevância do tema em questão. Em seguida, foi aplicado questionários aos alunos, pais ou responsáveis, direção, equipe pedagógica, professores e funcionários, questionários estes, sem identificação o que possibilitou uma liberdade para se manifestarem sobre o assunto.

Para investigar o conhecimento dos professores, pais, alunos, equipe pedagógica e direção, realizou uma pesquisa qualitativa embasada na pesquisa bibliográfica tendo como objetivo proporcionar aos envolvidos, maior entrosamento com o problema, torná-lo mais explícito a fim de aprimorar as idéias sobre o mesmo. Assim, considera-se importante que toda comunidade escolar tenha a sua disposição, maiores conhecimentos sobre a violência escolar, suas causas e conseqüências, *bullying*, *cyberbullying*, entre outros, sendo que a pesquisa bibliográfica oferece maiores conhecimentos sobre o assunto em questão.

O universo da pesquisa compreendeu sete professores da oitava série A, um diretor, dois professores pedagogos, dezenove alunos, quinze pais e dez funcionários. Nesta pesquisa feita através de questionários, foram apresentadas questões abertas e fechadas e desta forma, conseguiu o maior número possível de informações sobre o fenômeno na escola.

Vale ressaltar também que o GTR (Grupo de Trabalho em Rede), foi um momento muito importante durante a implementação do Projeto na escola e constitui-se num instrumento de formação no qual os cursistas trabalharam intelectualmente o Projeto de Intervenção Pedagógica, objeto que promoveu condições de avanços e limites internalizados e assumidos durante todo o curso implementando suas práticas produzindo assim, novos conhecimentos na área profissional. O GTR é uma das atividades mais importante do PDE, pois, no desenvolvimento do mesmo foram proporcionou-se reflexões e trocas de experiências que muito contribuiu para o crescimento profissional e na interação entre professor- tutor e cursistas.

O aprendizado foi grande com a contribuição de cada um mediante suas participações nos Fóruns, Diários e tudo isto enriqueceu ainda mais a prática pedagógica. Por outro lado, concluiu-se o GTR com a convicção de que o curso oportunizou um momento privilegiado para a socialização do tema em questão e espera-se que cada participante interiorize seus conhecimentos e suas experiências adquiridas no decorrer desse processo, em seu cotidiano escolar.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

Após levantamento dos dados feitos através de questionários aplicados, foi realizada a análise da pesquisa e pode-se observar que a maioria dos participantes, clama por mais segurança na escola, relatam que a violência é visível através de agressões físicas e verbais entre aluno/aluno, aluno/professor, desrespeito do aluno com o professor, concordam que os pais têm que estar presentes na vida escolar de seus filhos e assumir maior compromisso com os mesmos e que a maioria deles não está conseguindo dar conta da educação dos filhos por vários motivos deixando-os muitas vezes, só por conta da escola.

Percebe a importância de ensinar valores, princípios éticos entre outros e melhorar o relacionamento entre alunos/alunos e alunos/professor, escola e família, muitos relatam que a violência aumentou de forma assustadora nos últimos anos, anseiam por mais reuniões com palestras que abordem o problema, políticas públicas efetivas, demonstram também a idéia de que muitas vezes ocorre à violência por desinteresse do aluno pelos estudos, bullying e cyberbullying e que as causas mais prováveis da violência na escola são faltas de limites dos alunos, falta de apoio da família, falta de diálogo entre aluno/professor, presença da família na escola entre outros.

A partir dessas constatações foi realizada a primeira reunião com participação da direção, equipe pedagógica, professores, funcionários, pais e APMF para estudo do tema. Nessa reunião aconteceu uma dinâmica de integração do grupo, e exposição do material didático. A exposição da unidade didática que muito contribuiu com a parte prática da implementação do projeto.

Num outro momento, realizou-se a segunda reunião com a participação da diretora do Centro de Socioeducação (CENSE), que ministrou uma palestra abordando os temas: a relação família/escola, evasão escolar, violência na escola, suas formas, causas e consequências.

Os participantes tiveram um momento de interação com a palestrante tirando suas dúvidas e/ou dando suas sugestões. Percebeu-se que a partir da segunda reunião em diante teve um número mais expressivo de participantes, mas ainda não foi o que se esperava.

Na terceira reunião foi apresentada aos participantes uma peça teatral “FICA COMIGO”. Após a apresentação do teatro, houve uma palestra proferida por um representante da Patrulha Escolar que abordou assuntos relevantes referentes aos temas tais como: tipos de famílias, direitos e deveres da família e da escola (limites), violência escolar, drogadição e evasão escolar. Estiveram presentes nesta reunião diretor, professores, equipe pedagógica, pais e alunos. Foi um momento muito especial onde todos estavam reunidos em prol de uma causa nobre “a educação”.

Finalmente concluiu-se o projeto de intervenção pedagógica na escola, com a última reunião de encerramento e avaliação da implementação do projeto entre todos os envolvidos. Durante esta reunião foram sanadas algumas dúvidas referentes ao tema e em seguida realizou-se a avaliação de todo trabalho realizado através de questionários informais e contribuições com sugestões. Encerrou a reunião com agradecimentos aos presentes.

Observou-se que é possível reverter e melhorar algumas situações quanto à violência escolar, é preciso enfrentá-la. Para tanto é necessário buscar parcerias juntamente com o Conselho Tutelar, Patrulha Escolar e aproximação de segmentos da comunidade com a escola através de reuniões informais, palestras etc. possibilitando um diálogo aberto entre todos os envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração os resultados obtidos nesta pesquisa, foi possível concluir que os objetivos propostos foram atingidos parcialmente e ficou claro de que a escola precisa se posicionar formalmente quanto à violência na escola; ela requer uma auto-avaliação e regular seu próprio comportamento individual salientando a necessidade de que o respeito pela escola deve ser aprimorado.

No decorrer desse estudo percebeu-se a importância de entrosamento entre escola, família, comunidade escolar e alguns seguimentos da comunidade para melhoria no processo educacional dos alunos e quanto à violência no âmbito escolar. Portanto, quanto melhor for este entrosamento, mais significativa será a melhoria da violência na escola. Por isso, esta relação precisa ser constante e consciente, pois, a família e escola se completam e à medida

que a escola abre espaços para atrair família e comunidade no seu ambiente, novas oportunidades surgirão com intuito de minimizar a gravidade da violência na escola.

Observou-se, que houve ganhos significativos no processo de intervenção e que a pesquisa serviu como reflexão sobre a violência na escola e como a mesma interfere no ensino aprendizagem.

Entende-se que percorrer um caminho na busca de tornar mais intensa a função social da escola, voltada para a aprendizagem e uma cultura baseada nos valores humanos e compreendendo como um instrumento de formação cultural, social, construindo o aluno como ser político, ético entre outros é ainda um grande desafio para todos os educadores. Contudo, é preciso implantar algumas ações e políticas públicas efetivas que devem ser enfrentadas pelo coletivo escolar juntamente com alguns órgãos representantes da comunidade, pois, os desafios pela frente ainda são grandes!

Deve-se ter de forma clara que as soluções para minimizar a violência escolar extrapolam os muros da escola e vai muito além da competência da mesma, pois, esse fenômeno é reflexo da sociedade em que se vive produzido ao longo da história. É difícil falar em soluções para os problemas da violência escolar e é ainda mais difícil de serem executadas ou colocadas em prática estas soluções, pois é um tema muito abrangente e preocupante que deve ser amplamente analisado e discutido com todos os segmentos da comunidade.

A pretensão maior dessa pesquisa e da intervenção pedagógica foi tomar como base o diagnóstico de um problema que cada vez mais vem se agravando no interior da instituição escolar e oferecer subsídios que possam auxiliar professores, direção, equipes pedagógicas, pais e agentes educacionais entre outros nesta árdua tarefa de educar.

Pode-se observar que a escola tem condições de implantar ações para melhoria da violência na escola, mas, sempre respalda nas leis, pois, a educação busca formar cidadãos críticos voltados a valores baseados na dignidade da pessoa humana, implicando desta forma nos valores morais como justiça, respeito, solidariedade e no diálogo, estas são medidas essenciais para se formar uma escola solidária e democrática.

Ainda que o caminho seja árduo, porque a violência se constitui em um novo tipo de comportamento com o qual a escola não está preparada e tudo o que é novo gera medo, insegurança, incerteza, jamais pode-se perder a esperança por dias melhores. Assim, entende-se que não importa em qual sociedade esteja inserido, faz-se necessário e urgente lutar com coragem, esperança e ousadia.

Acredita-se que para amenizar a violência na escola é preciso haver espaço para o diálogo, debate e muita discussão entre toda comunidade escolar e alguns segmentos da

comunidade envolvida no processo educacional com intuito de traçar metas e ações a serem enfrentadas pelo coletivo escolar na busca de alguns caminhos que para nós nos parece relevantes para o enfrentamento das dificuldades encontrada, principalmente trazendo a família para a escola na tentativa de diminuir esse problema, melhorando assim o desempenho escolar de seus filhos e a violência de nossos alunos; quer pelo trabalho pedagógico, quer pela atuação permanente de professores comprometidos com uma educação de qualidade.

Por isso, espera-se que este trabalho aliado aos saberes acadêmicos recebidos entre outros, sirva de reflexão a todos os envolvidos neste processo e possa oferecer possibilidades de alguma melhoria em nosso meio.

Conclui-se assim, que o diálogo e a prevenção na escola e nas famílias, ainda seja o melhor caminho para se chegar a resultados satisfatórios a médio e longo prazo. Entretanto, ressalta-se a necessidade da execução permanentemente de projetos voltados à temática em tela e que venha favorecer uma relação harmoniosa, mesmo que o caminho ainda seja árduo.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, José Jobson de A. **História antiga e medieval**. 16 ed. São Paulo: Ática, 1993.

ÁVILA, Fernando Bastos de. **Pequena enciclopédia de moral e civismo**. Rio de Janeiro: FENAME, 1972.

BRASIL. **Cartilha do MEC**. Brasília: Conselho Nacional de Justiça. Disponível em: <www.cnj.jus.br>. Acesso em: 14 mar. 2011.

_____. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília: Ministério da Justiça; Secretaria da Cidadania e Departamento da Criança e do Adolescente, 1990.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96. Brasília: MEC, 1996.

COSTA, Ricardo da. **A educação na Idade Média** (2003?). Disponível em: <www.hottopos.com>. Acesso em: 5 abr. 2011.

FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira; **A escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes**. 2ed. Brasília; MEC; SECAD, 2008.

FERREIRO, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário**. Curitiba: Positivo, 1995.

FONSECA. Luiz Almir Meneses. **A violência sob a ótica da sociologia**. Disponível em: <www.seplan.am.gov.br>. Acesso em: 1 mar. 2011.

GUIMARÃES, Áurea M. Indisciplina e violência: a ambigüidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na escola**. Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

MARIANO, André Luiz Sena. et al. **Gestão educacional**: organização escolar e trabalho pedagógico. Ponta Grossa (PR): UEPG/NUTEAD, 2010.

NAGEL, Lízia helena. Impossibilidade de educar para a não-violência? Reflexões preliminares. In: CALEGARI-FALCO, Aparecida Meire. (Org.) **Sociologia da educação**: olhares para a escola de hoje. 2ed. rev. e ampl. Maringá (PR): Eduem, 2009.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares Estaduais do Ensino Fundamental e Médio**. Curitiba: SEED, 2008.

_____. **Enfrentamento à violência na escola**. Introdução aos Cadernos Temáticos, Desafios Educacionais Contemporâneos. Curitiba, 2008.

_____. **Síntese de desenvolvimento educacional – PDE** (Versão preliminar – maio de 2009).

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. **Bullyng e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Moderna, 2009.

PINTO, Marisa. *Cyberbullung*. **O que é? Como combater?** Disponível em: <googleacademico.mutirio.rj.gov.br >. Acesso em: 14 mar. 2011.

QUADROS, Emérico Arnaldo. **Psicologia e desenvolvimento humano**. Curitiba: SERGRAF, 2009a.

QUADROS, Marivete Bassetto de. **Monografia, dissertações & cia**: caminhos metodológicos e normativos. Curitiba: Tecnodata Editora, 2009b.

REBOUÇAS, Fernando. *Cyberbullyng*. Disponível em: <googleacademico.historialicenciatura> . Acesso em: 14 mar. 2011.

SANDES, Erivelton Matheus de Oliveira. **Violência nas escolas**. Projeto escola aberta como mecanismo de combate à criminalidade no ambiente escolar. Disponível em: < www.ead.pcdf.def.gov.br. > Acesso em: 1 mar. 2011.

SCHILLING, Flávio. **A sociedade da insegurança e a violência na escola**. São Paulo: Moderna, 2004.

SOUZA, Pedro Miguel Lopes de. **Agressividade em contexto escolar**. Disponível em: < www.psicologia.com > Acesso em: 1 mar. 2011.